

Deus (2): seus atributos

Como parte da série **Doutrinas Bíblicas**, queremos dar continuidade ao nosso estudo, ainda que superficial, acerca de Deus. Depois do nosso artigo em prol da existência de Deus, queremos destacar, neste, os seus **atributos**¹, apesar de nossa limitação para tratar de assunto tão profundo e infinito. Para isto, usei como base o texto – adaptado e de acordo com o Novo Acordo Ortográfico – e as sugestões de G. R. LEWIS², mas com algumas inserções, destacadas nas notas abaixo.



O Deus, do qual ocupamos nesta e em outras reflexões é o Deus dos hebreus, cujas informações sobre o qual nós as encontramos no Antigo Testamento, primeira parte das Escrituras cristãs. E esta primeira parte da Bíblia inicia com a expressão: “no *principio, criou Deus os céus e a terra*” (Gn 1.1). Isto significa que Deus não se preocupa em provar sua existência. São as informações acerca de seus atributos que nos levam a entender um pouco do “ser de Deus”.

¹ LEWIS, G. R. *Atributos de Deus*. In: ELWELL: 1988, pp. 427-438. Vide Referência Bibliográfica.

² LEWIS, Gordon R. – Ph.D., Universidade Syracuse. Professor de Teologia e Filosofia, Seminário Teológico Batista Conservador de Denver, Denver. Colorado, EUA.

Atributos são qualidades ou adjetivos que marcam as particularidades próprias de alguém. No caso de Deus, como um Ser invisível, pessoal e vivo, que se diferencia de todos os demais seres, podemos destacar os atributos como seguem: metafísicos, existenciais, éticos, intelectuais, emocionais e relacionais.

1. Atributos metafísicos: auto existência, eternidade e imutabilidade

Diferenças relevantes aparecem em vários aspectos, mas primeiramente focalizaremos as características de Deus metafisicamente distintas.

a) Deus é auto existente:

Todos os demais seres foram criados e, portanto, têm um começo. Devem a outro sua existência. Para existir, Deus não depende do mundo nem de qualquer pessoa que nele há. O mundo depende de Deus para a sua existência. De modo contrário àqueles teólogos que dizem que não podemos conhecer nada a respeito de Deus em Si mesmo, Jesus revelou que Deus tem vida em Si mesmo: *“Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo”* (Jo 5.26). O fundamento da existência de Deus não se acha nos outros, porque nada há de mais ulterior do que Ele mesmo. Deus não tem origem; é Aquele que sempre existe: *“E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós”* (Êx 3.14). Perguntar quem deu origem a Deus é fazer uma pergunta contraditória, conforme os termos do conceito que Jesus tem de Deus.

Outro termo que transmite o conceito e auto existência de Deus é “asseidade”. A palavra é derivada do latim *a*, que, significa “de” e *se* que significa “si mesmo”. Deus tem existência não-derivada, necessária, independente. Compreender que Deus é incontestante ajuda-nos a ver como Deus não é limitado por coisa alguma, é infinito, autodeterminado, não determinado por outra coisa senão Ele mesmo, de conformidade com Seus propósitos soberanos.

b) Deus é eterno:

A vida de Deus vem de Si mesmo, não é algo que teve início no mundo do espaço e do tempo. Deus não teve início, fase de crescimento, velhice nem fim. O Senhor está entronizado como Rei para sempre: *“O Senhor se assentou sobre o dilúvio; o Senhor se assenta como Rei, perpetuamente”* (Sl 29.10). Este Deus é o nosso Deus para todo o sempre: *“Porque este Deus é o nosso Deus para sempre; ele será nosso guia até à morte”* (Sl 48.14). Embora Deus não seja limitado por espaço e

tempo, nem pela sucessão de eventos no tempo, Ele criou o mundo com espaço e tempo. Deus sustenta o âmbito mutável dos eventos sucessivos e está consciente de cada movimento na História. O mundo observável e mutável não é sem importância nem irreal (*maya*, no hinduísmo) para o onipresente Senhor de tudo. Nenhuma vida, seja de uma tribo, nação, cidade, família ou pessoa, é sem valor, por mais breve ou aparentemente insignificante que seja. A natureza eterna de Deus não está totalmente fora do tempo, nem removida de tudo no tempo e no espaço. O mundo do espaço e do tempo não é estranho a Deus nem lhe é desconhecido. A História é o produto do planejamento eternamente sábio de Deus, do Seu propósito criador, da Sua preservação providencial e da Sua graça geral. Deus enche o espaço e o tempo com a Sua presença, sustenta-os e lhes dá propósito e valor. O Deus onipresente e ubíquo³ é Senhor do tempo e da história, e não a forma contrária. Deus não nega o tempo, mas o cumpre. Nele, os Seus propósitos são atingidos.

Portanto, no cristianismo a eternidade não é de natureza intemporal e abstrata, mas o eterno é uma característica do Deus vivo presente em todos os tempos e todos os lugares, criando e sustentando o mundo do espaço e do tempo e realizando os Seus propósitos redentores na plenitude do tempo.

c) Deus é imutável:

Deus é imutável em sua natureza, desejo e propósito. Dizer que Deus é imutável não é contradizer a verdade prévia de que Ele é vivo e ativo. É afirmar que todos os empregos do poder e da vitalidade divinos são coerentes com Seus atributos, como a sabedoria, a justiça e o amor. Os atos de Deus nunca são meramente arbitrários, embora alguns deles o possam ser por razões totalmente inerentes a Ele, ao invés de serem condicionados pela reação humana. Por trás de cada punição dirigida aos maus e de cada perdão concedido aos arrependidos está Seu imutável propósito no tocante ao pecado e à conversão. Ao contrário do conceito estoico da imutabilidade divina, Deus não é indiferente às atividades humanas. Pelo contrário, sempre podemos contar com a preocupação de Deus a favor da retidão humana. Deus responde imutavelmente à oração, de conformidade com Seus desejos e propósitos de amor santo. Daí, embora se fale em termos da experiência humana, às vezes se afirma nas Escrituras que Deus se arrepende; mas, na realidade, os impenitentes é que mudaram, ou os fiéis é que se tornaram infiéis.

³ **Ubíquo:** aquele (Deus) que está ou existe ao mesmo tempo em toda parte.

Deus é o mesmo, embora tudo mais na criação envelheça como uma roupa: *“Desde a antiguidade fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles se envelhecerão como um vestido; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Porém tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim”* (Sl 102.25-27). Jesus compartilhava desta mesma natureza imutável: *“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão, E como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão”* (Hb 1.10-12) e a exibiu de modo vívido e coerente no decurso de todo o Seu ministério ativo, numa variedade de situações.

A imutabilidade do caráter de Deus significa que Ele nunca perde a Sua própria integridade nem decepciona as pessoas. Em Deus não pode existir variação ou sombra de mudança (Tg 1.17). A natureza e a palavra inabaláveis de Deus fornecem o fundamento mais forte para a fé e trazem forte consolação (Hb 6.17-18). Deus não é homem para mentir (Nm 23.19) ou Se arrepender (1Sm 15.29). O conselho do Senhor permanece para sempre (Sl 33.11). Passarão o céu e a terra, porém as palavras de Deus não passarão (Mt 5.18; 24.35).

2. Atributos intelectuais: onisciência, fidelidade e sabedoria

A capacidade intelectual de Deus é ilimitada, e Deus a usa de modo pleno e perfeito.

a) Deus é onisciente:

Deus sabe todas as coisas (1Jo 3.20). Jesus também tem este atributo de divindade, pois Pedro diz: *“Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo”* (Jo 21.17). Deus conhece todos os pensamentos íntimos e os atos externos da humanidade (Sl 139). Nada em toda a criação está oculto aos olhos de Deus. Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas (Hb 4.13). Isaías fazia distinção entre o Senhor de tudo e os ídolos pela capacidade de o Senhor predizer o futuro (Is 44.7-8,25-28). Fica claro que o conhecimento do futuro da parte do Senhor era comunicável em conceitos e palavras humanos. No contexto, Isaías fez predições a respeito de Jerusalém, Judá, Ciro e o templo. Estes conceitos foram inspirados na língua original e são traduzíveis nos idiomas de todo o mundo.

Como Deus pode conhecer o fim desde o começo? De uma forma maior do que aquela ilustrada no conhecimento que uma pessoa tem que de um salmo decorado, sugeriu Agostinho. Antes de recitarmos o Salmo 23, ele está todo em nossa mente. Então, citamos a primeira metade dele, e sabemos o que já passou e a parte que ainda falta ser citada. Deus conhece a totalidade da História de uma só vez, simultaneamente, porque não é limitado por tempo e sucessão, mas Deus também conhece qual parte da História está no passado hoje, e qual parte está no futuro, porque o tempo não é irreal nem sem importância para Ele (Confissões XI, 31).

A crença de que Deus conhece tudo – no passado, no presente e no futuro – é de pouca relevância, no entanto, se o conhecimento de Deus fosse removido do conhecimento humano por uma distinção infinita e qualitativa, a frequente alegação de que o conhecimento de Deus é totalmente diferente do nosso subentende que a verdade de Deus pode ser contraditória em relação à nossa verdade. Ou seja, aquilo que é verdadeiro para nós é falso para Deus, ou aquilo que é falso para nós pode ser verdadeiro para Deus. Os defensores desta posição argumentam que, pelo fato de Deus ser onisciente, ele não pensa de modo discursivo, linha por linha, nem usa conceitos distintivos ligados pelo verbo “ser” em proposições lógicas. Este conceito da transcendência divina forneceu um corretivo eficaz às mãos de Barth⁴ e Bultmann⁵ contra a continuidade que o modernismo alegava entre o pensamento humano mais sublime e o pensamento de Deus. E aquela influência recebe apoio adicional dos místicos orientais que negam qualquer validade ao pensamento conceptual com referência ao eterno. Os relativistas de muitos campos também negam que quaisquer asseverações humanas, inclusive as da Bíblia, sejam capazes de expressar a verdade a respeito de Deus.

No entanto, segundo a perspectiva bíblica, a mente humana foi criada à imagem divina para pensar os pensamentos de Deus segundo Ele, ou receber, a verdade da

⁴ **Karl Barth**, teólogo reformado suíço que é muitas vezes considerado o maior teólogo protestante do século 20. “*Barth destaca a absoluta transcendência de Deus. Deus é o único positivo, o ser. O homem, no entanto, da mesma forma que o mundo, é a negação, o não ser. Justamente por não ser nada, o homem não tem a possibilidade de auto redenção; nem ao menos de conhecer Deus, mas somente de saber que não o conhece*” (Disponível em: <<http://teologia-contemporanea.blogspot.com/2008/02/karl-barth-1886-1969.html>>. Acesso em 18/04/2019.

⁵ **Rudolf Karl Bultmann** (1884-1976), teólogo alemão que dedicou-se ao estudo do N.T. “... *Da doutrina de Bultmann deduz-se que a fé cristã deve interessar-se pelo Jesus histórico para centrar-se no Cristo transcendente do querigma [proclamação da Palavra/Evangelho]. A fé cristã, a fé no querigma da Igreja, pela qual se pode dizer que Jesus Cristo ressuscitou, e não fé no Jesus histórico...*” (Disponível em: <<http://teologia-contemporanea.blogspot.com/2008/03/rudolf-bultmann-1884-1976.html>>. Acesso em: 18/04/2019.

parte de Deus, mediante as revelações geral e especial. Embora a queda tenha afetado a mente humana, esta capacidade não foi erradicada. O novo nascimento envolve a renovação da pessoa, pelo Espírito Santo, no conhecimento segundo a imagem do Criador (Cl 3.10).

Contextualmente, o conhecimento possível aos regenerados inclui a posição e a natureza atuais do Cristo exaltado (Cl 1.15-20) e o conhecimento da vontade de Deus (Cl 1.9). Com este conhecimento, os cristãos podem evitar o engano proveniente de raciocínios falazes que soam bem (Cl 2.4). Devem fortalecer a fé na qual foram instruídos por conceitos e palavras (Cl 2.7). E o conteúdo da palavra de Cristo pode prestar informações ao ensino e à adoração deles (Cl 3.16).

Destas maneiras e de muitas outras, as Escrituras pressupõem uma revelação informativa da parte de Deus, verbalmente inspirada e iluminada pelo Espírito, a mentes criadas e renovadas à imagem divina para o recebimento desta verdade. À medida que captamos o significado contextual dado pelos escritores originais das Escrituras, são verdadeiras as nossas asseverações, baseadas nas Escrituras, de que Deus é espírito, é santo, e é amor. Estas afirmações são verdadeiras para Deus assim como Ele é em Si mesmo. São verdadeiras para a fé e a vida dos cristãos e das igrejas.

A verdade proporcional que a Bíblia transmite em frases indicativas que afirmam, negam, argumentam, sustentam, pressupõem e inferem é plenamente verdadeira para Deus e para a humanidade. Naturalmente, a onisciência de Deus não é limitada às distinções entre os sujeitos e os predicados, a sequência lógica, a pesquisa exegética ou o raciocínio discursivo. Mas Deus conhece a diferença entre um sujeito e um predicado, relaciona-Se tanto com a sequência como com a sequência temporal, estimula pesquisas exegéticas e o raciocínio discursivo baseado na revelação. Embora a mente de Deus seja ilimitada e conheça tudo, não é totalmente diferente em todos os aspectos das mentes humanas criadas à Sua imagem. Portanto, sendo onisciente, Seus julgamentos se formam com conhecimento de todos os dados relevantes. Deus sabe tudo quanto diz respeito à verdade concernente a qualquer pessoa ou evento. Nossos julgamentos são verdadeiros à medida que se conformam aos de Deus, sendo coerentes ou fiéis a todas as evidências relevantes.

b) Deus é fiel e verdadeiro:

Porque Deus é fiel e verdadeiro (Ap 19.11), Seus juízos (Ap 19.2) e Suas palavras em linguagem humana são fiéis e verdadeiras (Ap 21.5; 22.6). Não há falta de fidelidade na pessoa, no pensamento ou na promessa de Deus. Ele não é hipócrita nem incoerente.

Mantenhamos firme a nossa esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel: “*Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu*” (Hb 10.23). Ele é fiel para perdoar os nossos pecados (1Jo 1.9), santificar os crentes até à volta de Cristo (1Ts 5.23-24), fortalecê-los e protegê-los do maligno (2Ts 3.3), e para não permitir que sejam tentados além daquilo que podem suportar (1Co 10.13). Até mesmo quando somos infiéis, Ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a Si mesmo (2Tm 2.13).

Nenhuma das boas promessas que Deus deu por meio de Moisés falhou (1Re 8.56). Isaías louva o nome divino, porque com fidelidade perfeita Deus fez coisas maravilhosas há muito tempo planejadas (Is 25.1). Passagens como estas transmitem uma integridade divina básica tanto na vida quanto no pensamento. Nenhum contraste pode ser feito entre aquilo que Deus é em si mesmo e aquilo que Ele é com relação aos que nEle confiam. Deus não contradiz as Suas promessas em Suas obras ou em outros ensinamentos por meio de dialética, paradoxo ou mera complementaridade. Deus conhece tudo, e nada pode surgir que já não tenha sido levado em conta antes de Deus revelar os Seus propósitos.

Porque Deus é fiel e coerente, nós também devemos ser fiéis e coerentes. Jesus disse: “*Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não*” (Mt 5.7). Paulo demonstrou esta autenticidade lógica nos seus ensinamentos a respeito de Deus. Tão seguramente como Deus é fiel, disse ele, a nossa mensagem para convosco não é “sim” e “não” (2Co 1.18). Aqueles que imaginam que a conversa a respeito de Deus na linguagem humana tem de afirmar e negar a mesma coisa ao mesmo tempo e no mesmo assunto (na dialética ou no paradoxo) têm um conceito diferente do de Paulo sobre o relacionamento entre a mente divina e a mente da pessoa piedosa. Porque Deus é fiel, devemos ser fiéis em nossa mensagem a respeito dEle. Visto que Deus não pode negar a Si mesmo, não devemos negar a nós mesmos, ao falarmos a Deus.

Conhecendo a ligação entre a fidelidade pessoal e a conceptual em Deus, sabemos que a ideia de que pessoas não devem contradizer a si mesmas não se originou com Aristóteles. Embora ele tenha formulado a lei da não-contradição, de forma que tem sido citada a partir de então, a fonte ulterior do desafio à fidelidade

humana na pessoa e na palavra está arraigada no próprio Deus. A exigência universal de honestidade intelectual reflete no coração humano a total integridade do coração do Criador.

c) Deus é sábio:

Deus não é apenas onisciente e coerente em Sua Pessoa e palavra, mas também perfeitamente *sábio*. Além de conhecer todos os dados relevantes sobre qualquer assunto, Deus seleciona Seus fins com discernimento, e age com harmonia com Seus propósitos de amor santo. Talvez nem sempre consigamos ver que os eventos nas nossas vidas cooperam para um propósito sábio, mas sabemos que Deus escolhe dentre todas as alternativas possíveis os melhores fins e meios para atingi-los. Deus não somente escolhe os fins certos como também o faz pelas razões certas: o bem das Suas criaturas e, portanto, a Sua glória.

Embora talvez não possamos entender plenamente a sabedoria divina, temos boas razões para confiar nela. Depois de escrever a respeito da grande dádiva da justiça que vem de Deus, Paulo exclama: “*Ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém*” (Rm 16.27). Anteriormente, já fizeram alusão à profundidade insondável da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus (Rm 11.33).

O inter-relacionamento dos atributos é evidente, porque a onisciência divina tem consciência não somente daquilo que existe, mas também daquilo que deve existir (moralmente); a fidelidade e a coerência divinas envolvem a integridade moral sem hipocrisia; e a sabedoria toma decisões no sentido de agir visando certos fins e meios em termos dos mais altos valores. Portanto, não devemos sentir estranheza quando lemos que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Pv 1.17).

3. Atributos éticos: santidade, justiça e amor

Deus é distinto de todas as Suas criaturas e transcendente a todas elas, não apenas metafísica e epistemologicamente, mas também moralmente, Deus é moralmente imaculado no caráter e na ação, reto, puro e imaculado por desejos, motivos, pensamentos, palavras ou ações malignas.

a) Deus é santo:

Deus é *santo*, e, como tal, é a fonte e o padrão de tudo quanto é justo. Deus está livre de todo o mal, ama toda a verdade e a bondade. Dá valor à pureza e detesta

a impureza e a inautenticidade. Deus não pode aprovar qualquer mal. E nele não tem prazer (Sl 5.4), nem pode tolerá-lo (Hc 1.13). Deus aborrece o mal e não pode suportar o pecado de modo algum (Tg 1.13-14). Os cristãos não têm reverente temor àquilo que é santo de modo abstrato, mas ao Santo (Is 40.25). O Santo não é meramente um objeto de fascínio emocional, mas também deve ser ouvido de modo inteligente e obedecido segundo a volição.

A santidade não é apenas o produto da vontade de Deus, mas também uma característica imutável da Sua natureza eterna. Assim, a pergunta formulada por Platão precisa ser rephraseada para se aplicar ao Deus dos cristãos: “*O bem é bom porque Deus assim determina? Ou Deus o determina porque é bom?*”. A pergunta não se relaciona com a vontade de Deus, mas à essência de Deus. O que é bom, justo, puro e santo é santo, não em razão de um ato arbitrário da vontade divina, nem de um princípio independente de Deus, mas porque é uma decorrência da Sua natureza. Deus sempre determina de modo coerente à Sua própria natureza. Ele determina o bem porque Ele é bom. E porque Deus é santo, Ele consistentemente odeia o pecado e repugna todo o mal, sem fazer distinção de pessoa. O Espírito Santo é chamado santo não somente porque, como membro da Trindade Divina, compartilha da santidade da natureza divina, mas também porque a função distintiva do Espírito é produzir amor santo no povo redimido de Deus. Devemos procurar ser moralmente imaculados em nosso caráter e ação, retos e justos como o Deus a quem adoramos.

b) Deus é justo ou reto:

A justiça ou retidão de Deus é revelada na Sua lei moral que expressa a Sua natureza moral e no Seu juízo, outorgando a todos, nas questões de mérito, exatamente aquilo que merecem. Seu julgamento não é arbitrário nem segundo caprichos, mas com princípios sem acepção de pessoas. Os escritores do AT frequentemente protestam contra a injustiça experimentada por pobres, viúvas, órfãos, estrangeiros e piedosos. Deus, por contraste, tem compaixão dos pobres e necessitados (Sl 72.12-14). Ele responde, liberta, reavive, inocenta e outorga-lhes a justiça que lhes é devida. Em Sua justiça, Deus liberta os necessitados da injustiça e da perseguição. Finalmente, Deus criará novo céu e nova terra, onde habitará a justiça (Is 65.17).

A ira de Deus é revelada quando os pecadores suprimem a Sua verdade e a impedem pela injustiça (Rm 1.18-31), sendo que tanto os judeus quanto os gentios

agem assim (Rm 2.1-3,20). No evangelho é revelada uma justiça da parte de Deus, justiça que subsiste pela fé, do começo ao fim (Rm 1.17; 3.21). Os crentes são justificados livremente pela graça de Deus, vinda mediante Jesus Cristo, que forneceu o sacrifício da expiação (Rm 3.24). Assim, como Abraão, os que são plenamente convencidos de que Deus pode fazer aquilo que prometeu (Rm 4.21) descobrem que a sua fé lhes é creditada como justiça (Rm 4.3,24). Deus na Sua justiça provê gratuitamente a condição de justos para os crentes em Cristo. Em Deus, a justiça não está desligada da misericórdia, da graça e do amor.

c) Deus é amor:

Na Sua misericórdia, Deus retém ou modifica o julgamento merecido e, na Sua graça, concede gratuitamente benefícios imerecidos a quem Ele quiser. Todas estas características morais fluem do grande amor de Deus. Em contraste com Sua auto existência transcendente, está o Seu amor gracioso, abnegado, o amor *agape*. Aquele que vive para sempre como santo, alto e sublime também habita com o contrito e abatido de espírito (Is 57.15).

Não se trata de Deus precisar de alguma coisa (At 17.25), mas, sim, de Ele desejar dar de Si mesmo para o bem-estar das pessoas amadas, a despeito do fato de não serem dignas de amor nem terem outros méritos. Deus não somente ama como também é *amor* em Si mesmo (1Jo 4.8). Seu amor é como o de um marido para com a esposa, de um pai para com o filho, e como o de uma mãe para com seu bebê a quem amamenta. Com amor, Deus escolheu a Israel (Dt 7.7) e destinou os crentes da igreja a serem adotados como filhos mediante Jesus Cristo (Ef 1,4-5). Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3.16).

O amor cuida de idosos, oprimidos, pobres, órfãos e demais necessitados. O Deus amoroso da Bíblia não permanece insensível por causa das pessoas que têm necessidades genuínas (nem fica impossível). O Deus de Abraão, Isaque, Jacó, Jeremias, Jesus, Judas, Pedro e Paulo sofria, era realmente longânimo (sofredor). Com empatia, Deus, através da imaginação, penetra nos sentimentos das Suas criaturas. Além disso, o Deus encarnado submeteu-se às nossas tentações e sofrimentos, mediante a participação neles. Conforme disse H. W. Robinson: "*Apenas como sofrimento o mal moral pode entrar na consciência do moralmente bom*". Em todas as aflições de Israel, Deus Se afligia (Is 63.9). Que significado pode haver, pergunta

Robinson, num amor que nada custa àquele que ama? O Deus da Bíblia está longe de ser apático no tocante ao vasto sofrimento das pessoas no mundo. Com amor, Deus enviou Seu Filho para morrer, a fim de que, finalmente, o sofrimento fosse abolido e a justiça restaurada em toda a terra, assim como as águas cobrem o mar.

Visto que o amor envolve um compromisso com o bem-estar dos outros, um compromisso responsável e fiel, ele não é classificado como basicamente emocional. O amor é uma disposição firme da vontade que envolve toda a pessoa que procura o bem-estar dos outros.

4. Atributos emocionais: Deus detesta o mal, é longânimo e compassivo

H. Strong diz que Deus está livre de paixões e caprichos. De fato, Deus está isento de caprichos, injustiças e emoções fora do controle. Neste artigo já procuramos negar quaisquer paixões indignas de Deus. Strong acrescenta, como razão: “*Não há em Deus qualquer ira egoísta*”. Mesmo assim, Deus é pessoal e ético, e estes dois conceitos exigem emoções ou paixões saudáveis. Aquele que se deleita na justiça, na retidão e na santidade, visando o bem-estar das Suas criaturas, pode sentir repulsa diante da injustiça, da iniquidade e da corrupção, que destroem os seus corpos, mentes e espíritos. Daí, a Bíblia frequentemente referir-se à justa indignação de Deus contra o mal. A justa indignação é a ira provocada, não pelo fato de alguém ser vencido por emoções egoístas, mas pela injustiça e por todas as obras da “carne” decaída.

a) Deus é benigno:

Deus *detesta o mal*. Em geral, Jesus e as Escrituras falam mais frequentemente da ira de Deus diante de injustiças, tais como os maus tratos persistentes aplicados aos pobres e necessitados, do que do amor e do céu. Embora o Senhor seja tardio em irar-Se, jamais inocenta os culpados, mas derramará sobre eles a Sua fúria (“*O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder, e ao culpado não tem por inocente...*”, Na 1.3). Ninguém pode suportar a Sua indignação, que é derramada como fogo e esmaga as rochas diante dEle (Na 1.6). À parte de uma compreensão da ira de Deus contra o mal, é impossível entender a extensão do amor divino na encarnação, a magnitude do sofrimento de Cristo na cruz, a natureza propiciatória do Seu sacrifício, as Escrituras proféticas sobre o grande dia da ira de Deus, a grande tribulação e o livro do Apocalipse.

b) Deus é longânimo:

Deus é paciente e *longânimo*. Zelando pelo bem-estar dos objetos do Seu amor, Deus torna-Se irado por causa da injustiça cometida contra eles, mas sofre sem Se abater. Deus, sendo longânimo com os malfeitores, mas sem lhes desculpar o pecado, fornece-lhes graciosamente benefícios temporais e espirituais imerecidos, Deus prometera a terra a Abraão, mas a iniquidade dos amorreus ainda não se enchera (Gn 15.16). Depois de quatrocentos anos de sua autocontenção longânima, Deus, na plenitude do tempo, permitiu que os exércitos de Israel trouxessem o justo juízo à iniquidade dos amorreus. Mais tarde, Israel adorou o bezerro de ouro e mereceu o castigo divino como os demais idólatras. Mas Deus Se revelou, ao dar a Lei pela segunda vez, como “*Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade*” (Ex 34.6). O salmista pôde escrever: “*Mas tu, SENHOR, és Deus compassivo e cheio de graça, paciente e grande em misericórdia e em verdade*” (Sl 86.15). Todavia, o dia da graça de Deus tem seu fim. Finalmente, sem acepção de pessoas, o justo juízo de Deus caiu sobre Israel, por causa dos seus males difusos. A longanimidade de Deus é uma virtude notável, mas não exclui nem contradiz a justiça divina.

c) Deus é compassivo:

Embora os teólogos da tradição tomista tenham ensinado a impassibilidade de Deus, as Escrituras não hesitam em chamar Deus de *compassivo*. Não somos consumidos por causa do Seu grande amor, porque “*as suas misericórdias não têm fim*” (Lm 3.22). Mesmo depois do cativeiro de Israel, Deus voltaria a demonstrar-lhe compaixão (Mq 7.19). O Deus da Bíblia não é um Deus apático, mas é Aquele que Se preocupa profundamente até com o pardal. Jesus demonstrou, de uma linda maneira, esta compaixão divino-humana por famintos (Mt 15.32), cegos (Mt 20.34) e enlutados (Lc 7.13). Jesus também ensinou a importância da compaixão através da Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.33) e de outra sobre a solicitude do pai para com seu filho perdido (Lc 15.20).

O Cristo encarnado sentiu tudo o que os seres humanos sentem em todas as áreas, mas não Se rendeu às tentações envolvidas nestes sentimentos. Como Deus, ao participar literalmente da experiência humana, Jesus chorava com os que choravam e alegrava-Se com os que se alegravam. Ele lembrava a exultante glória compartilhada com Seu Pai antes da fundação do mundo (Jo 17.5,13). Entretanto, o autor divino-humano da nossa salvação foi aperfeiçoado através das coisas que sofreu

nesta vida (Hb 2.10). Pelo fato de ter sofrido, ele pode prestar ajuda aos que sofrem e são tentados (Hb 2.18). O Deus revelado em Jesus Cristo não é uma causa primeira apática, isolada e impessoal. O Pai que Jesus revelou fica profundamente tocado por tudo que fere seus filhos.

5. Atributos existenciais: liberdade, autonomia e onipotência

A preocupação moderna no tocante a liberdade, autenticidade e plenitude não deve ser limitada à humanidade. Os escritores bíblicos parecem ter se preocupado muito mais com que Deus fosse compreendido como um Ser livre, autêntico e pleno.

a) Deus é livre:

Desde a eternidade, Deus nunca esteve condicionado a qualquer elemento, a não ser a Si próprio, que fosse contrário aos Seus propósitos. Como já vimos, as coisas boas são planejadas com prazer e capacidade divinos. As coisas más são permitidas com desprazer divino. Mas, de qualquer forma, Deus é autodeterminado. Autodeterminação é o conceito de liberdade que enfatiza a realidade de que pensamentos, sentimentos e volição não são determinados por fatores externos, mas sim pela própria pessoa.

Deus não é livre para aprovar o pecado, deixar de amar, ser insensato, ignorar os duros fatos da realidade, ser infiel àquilo que é ou deve ser, ser incompassivo ou não-misericordioso. Deus não pode negar a Si próprio. Deus é livre para ser Ele mesmo, um ser com características pessoais, eternas, vivas, intelectuais, éticas, emocionais e volitivas.

b) Deus é autêntico:

Deus é autêntico, autenticamente Ele mesmo. O Deus que, em Cristo, Se opôs de modo tão implacável à hipocrisia, não é um hipócrita. Já enfatizamos acima a Sua fidelidade ou integridade intelectual. Agora, damos ênfase à Sua integridade dos pontos de vista ético, emocional e existencial. Deus é autoconsciente, sabe quem é e quais são os Seus propósitos (1Co 2.11). Ele tem uma alta percepção de identidade, significado e propósito.

Deus sabe que é o Ser ulterior e que, na realidade, nada se compare a Ele. Entretanto, ao conclamar as pessoas para que abandonem os ídolos, de forma alguma Deus está nos solicitando algo que esteja em desacordo com a realidade. Em Sua firme oposição à idolatria, Ele procura livrar as pessoas de interesses fadados à

desilusão e ao desapontamento. Deus requer a nossa adoração para o nosso bem, para que, no final, não sucumbamos ao desespero, à medida que somos abandonados pelos nossos deuses finitos.

c) Deus é onipotente:

Continuando, Deus é *onipotente* (Mc 14.36; Lc 1.37). Deus é capaz de fazer tudo quanto determinada, à seu modo. Deus não escolhe fazer coisa alguma contrária à Sua natureza de sabedoria e santo amor. Deus não pode negar a Si mesmo e não escolhe fazer tudo por Seus próprios meios imediatos, sem agentes angelicais e humanos intermediários. Embora Deus determine que algumas coisas aconteçam incondicionalmente (Is 14.24-27), a maioria dos eventos na História são planejados sob certas condições, pela obediência do povo aos preceitos divinos e pela sua desobediência permitida (2Cr 7.14; Lc 7.30; Rm 1.24). De qualquer maneira, os propósitos eternos de Deus para a História não são frustrados, mas cumpridos do modo que Ele escolheu (Ef 1.11).

Deus não somente tem força para levar a efeito todos os Seus propósitos, da maneira que os determina, como também autoridade no âmbito total do Seu reino para fazer o que quer. Deus não está sujeito ao domínio de outrem, mas é Rei e Senhor de todos. Em virtude de todos os Seus outros atributos – por exemplo, sabedoria, justiça e amor – Deus é digno de dominar tudo quanto criou e sustenta. Deus é um soberano sábio, santo e gracioso. Por ser justo, o poder de Deus em si mesmo não pode punir os pecadores mais do que eles merecem. Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão. Mas na concessão de benefícios e dádivas imerecidos, Deus está livre para distribuí-los conforme o Seu beneplácito (Sl 135.6). Tendo permitido o pecado, Deus é suficientemente grande para limitar as paixões furiosas dele, submetendo-o à Sua soberania para um bem maior, como se deu no Calvário (At 4.24-28). Deus pode derrotar as nações e as hostes demoníacas que se enfurecem contra Ele. Ninguém pode existir independentemente da soberania divina. A tentativa de a pessoa seguir o seu próprio caminho independente de Deus é uma insolência pecaminosa da parte de criaturas que nEle vivem, se movem e existem. Somente um tolo poderia dizer que não há Deus, pois é o próprio Deus quem sustenta o fôlego que o ateu usa para negar o domínio divino sobre ele.

6. Atributos relacionais: transcendência e imanência

Relacionalmente, Deus é transcendente na Sua existência, universalmente imanente na Sua atividade providencial e imanente com seu povo na atividade redentora.

a) Deus é transcendente:

Como *transcendente*, Deus é diferente, de forma inigualável, de tudo na criação. A distinção entre Deus e a existência do mundo tem sido subentendida nas discussões anteriores dos atributos metafísicos, intelectuais, éticos, emocionais e existenciais de Deus. Deus está relacionalmente “oculto”, por ser tão grande de todas estas outras maneiras. A existência de Deus é eterna; a do mundo, temporal. O conhecimento de Deus é total; o conhecimento humano, incompleto. O caráter de Deus é santo; o caráter da humanidade, decaído e pecaminoso. Os desejos de Deus colocam-se consistentemente contra o mal, mas Ele é longânimo e compassivo; os desejos humanos flutuam de modo incoerente, com frequência misturam o mal com o bem. A energia de Deus é incansável e inexaurível; a energia do mundo está sujeita à depleção pela entropia. Por isso, Deus é superior e está acima das pessoas do mundo em todos estes aspectos.

A transcendência divina incomparável envolve um dualismo radical entre Deus e o mundo, que não deve ser ofuscado por um ressurgimento do monismo⁶ e do panteísmo⁷. Embora tenha sido feita segundo Deus e à imagem divina, a humanidade (ao contrário de Cristo) não é gerada a partir de Deus nem é uma emanção de Deus

⁶ Este ressurgimento do **monismo** a que Lewis refere, ocorreu principalmente na Idade Média. Na verdade, o monismo parece ser uma resposta à pergunta filosófica no campo da metafísica. Os pré-socráticos perguntavam: “*quantas coisas existem*”? Enquanto o monismo medieval responde: existe “*uma só coisa*”. Mas há conceitos diferentes em relação a este assunto, como o monismo substancial, de Spinoza, que afirma, por exemplo, “... *que existe uma só substância ou coisa, que existe independente, e que tanto Deus quanto o universo são aspectos dessa substância*”. Por outro lado, o monismo atributivo (uma só categoria) sustenta que “... *a realidade, em última análise, é composta de muitas coisas, em vez de uma só...* [Mas] *a tradição intelectual cristã geralmente tem sustentado que o monismo substancial deixa de tratar à altura distinção entre Deus e as criaturas, e que do monismo atributivo somente o idealismo [categoria da existência, no campo mental] é teologicamente aceitável...*”. In: ELWELL, Walter. A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1990 (1ª Ed.). pp. 547-548. Veja o significado de panteísmo na nota a seguir, ambos (monismo e panteísmo) conceitos muito parecidos.

⁷ **Panteísmo**: palavra derivada do grego *pan* e *theos* (“tudo é Deus”). Normalmente identificada com o sistema filosófico que tende a identificar Deus com o mundo. O panteísmo é tipicamente monista em relação à realidade, ao passo que o teísmo bíblico faz uma distinção entre Deus e o mundo. Ou seja, o mundo existe porque Deus o criou e ambos não podem confundir-se. “... *Por causa da tendência de identificar Deus com o mundo material, surge... uma negação menor ou maior do caráter pessoal de Deus. Nas Escrituras, Deus não somente possui os atributos de uma pessoa, como também, na encarnação, Ele assume um corpo e se torna o Deus-homem. Deus é retratado supremamente como uma Pessoa*”. In: ELWELL, Walter. A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. III. São Paulo: Vida Nova, 1990 (1ª Ed.). p. 90.

que possua a mesma natureza divina. O alvo ulterior da salvação não é a reabsorção para dentro da existência de Deus, mas a comunhão ininterrupta com Deus. A união que os cristãos procuram com Deus não é metafísica, mas relacional, uma unidade de mente, desejo e vontade. Procurar ser como Deus, de uma perspectiva bíblica, não é uma espiritualidade mais profunda, mas idolatria ou blasfêmia rebelde. Os cristãos podem respeitar a natureza como uma criação divina, mas não a adora como divina. Os cristãos podem respeitar os fundadores das religiões do mundo, mas não podem se curvar diante de qualquer guru como o divino manifesto na forma humana. Somente Jesus Cristo vem de cima; todos os demais vêm de baixo (Jo 8.23). Porque Deus está separado do mundo, os cristãos não podem se curvar diante de qualquer potência na terra como se ela fosse Deus, quer seja uma potência econômica, política, religiosa, científica, educacional ou cultural. O benefício inestimável do ato de curvar-se diante de um Senhor transcendente a todas as coisas é que ele liberta a pessoa de todas as tiranias finitas e descaídas.

O teísta bíblico não somente crê que o único Deus vivo está separado do mundo, em contraste com o panteísmo e o panenteísmo⁸, mas também acredita que Deus está continuamente ativo em todo o mundo, de modo providencial, contrastando com o deísmo. Deus não está tão exaltado que não possa conhecer, amar ou relacionar-se com a lei natural no mundo da experiência de todos os dias. Um estudo da providência divina, conforme ensinada nas Escrituras, demonstra que Deus sustenta, orienta e governa tudo quanto criou. Os salmos da natureza refletem sobre a atividade de Deus com relação a cada aspecto da terra, da atmosfera, da vegetação e da vida animal (e.g. Sl 104). Deus também preserva e governa a história humana, condenando as sociedades corruptas e abençoando os justos e os ímpios com benefícios temporais tais como luz do sol, a chuva, o alimento e a bebida. Mediante a atividade providencial universal de Deus, o cosmos se mantém unido, e Seus propósitos sábios da graça geral são realizados.

b) Deus é imanente:

⁸ **Panenteísmo:** “Todos em Deus”, é a doutrina que diz que o universo está contido em Deus, mas Deus é maior do que o universo, bem distinto do panteísmo e do monismo. O panenteísmo procura combinar os pontos fortes do teísmo clássico como do panteísmo clássico. Deus é visto como a alma do universo, o espírito universal presente em todos os lugares, ao mesmo tempo transcende todas as coisas criadas. Mas, como afirma o texto, “o teísta bíblico não somente crê que o único Deus vivo está separado do mundo, em contraste com o panteísmo e o panenteísmo, mas também acredita que Deus está continuamente ativo em todo o mundo, de modo providencial, contrastando com o deísmo”,

Mas Deus é imanente nas vidas dos Seus que se arrependem do pecado e vivem pela fé para realizar os alvos da Sua graça redentora. *“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos”* (Is 57.15). Assim como as pessoas podem estar presentes umas com as outras em graus variados, Deus pode estar presente com os ímpios de certa maneira, e com os justos de uma forma mais rica. Uma pessoa pode estar presente simplesmente como mais um passageiro num ônibus ou, de modo muito mais relevante, como uma mãe piedosa que orou diariamente por alguém durante toda a sua vida. Deus está graciosamente presente, com amor perdoador. Junto ao convertido, que pela fé foi propiciado, reconciliado e redimido pelo sangue precioso de Cristo. Tornam-se o Seu povo, e Ele Se torna o seu Deus. Deus habita em Seu povo como Seu santo lugar ou templo. A união relacional de pensamentos, desejos e propósitos cresce com o passar dos anos. Esta união é compartilhada por outros membros do Corpo de Cristo que têm dons para se edificarem uns aos outros, a fim de se tornarem progressivamente mais semelhantes ao Deus a quem adoram, não metafisicamente, mas intelectualmente, ética, emocional e existencialmente.

Em resumo:

- Deus é Espírito vivo e pessoal, digno de adoração e da confiança de todo coração, separado do mundo, porém continuamente ativo no mundo.
- Deus criou e sustenta o cosmos, as leis científicas, as fronteiras geográficas e políticas.
- Deus está além do tempo, mas não deixa de Se relacionar ativamente com o tempo, com a vida humana, lar, cidade, nação e com a história da humanidade em geral.
- Embora transcendente Deus não deixa de relacionar-Se de modo inteligente com o pensamento proposicional e com a comunicação verbal. Com a validade objetiva, com a consciência lógica, com a fidelidade, coerência e clareza fatural, bem como a autenticidade subjetiva e a integridade existencial.
- Embora não esteja limitado por um corpo, Deus não deixa de Se relacionar providencialmente com o poder físico na natureza e na sociedade, nos aspectos industrial, agrícola, social e político. Deus conhece e julga a maldade humana no uso de todos os recursos de energia do mundo.

- Deus transcende toda tentativa de se obter justiça no mundo, mas, relaciona-Se retamente com todos os bons esforços das Suas criaturas, pessoal, econômica, acadêmica, religiosa, e politicamente.
- Embora esteja livre de emoções indignas e descontroladas, Deus mostra-Se solícito aos pobres, infelizes, solitários, enlutados, enfermos e vítimas de preconceito, injustiça, ansiedade e desespero.
- Além de toda aparente falta de significado e propósito na existência humana, Deus pessoalmente dá **relevância** à vida mais insignificante.

Referência Bibliográfica:

ELWELL, Walter. A. (Editor). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 1988 (1ª Ed.), pp. 427-438 – Texto adaptado.